Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 9 Nº 2 – Julho a Dezembro de 2012
ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2 p462

Imaginários da morte, o acontecimento noticioso primordial[i]

Gislene Silva
Universidade Federal de Santa Catarina - gisilva@uol.com.br
Professora do Departamento de Jornalismo da UFSC e pesquisadora
do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR/UFSC).

Resumo
As mortes são diferentes, a morte é igual. As coberturas jornalísticas sobre os acontecimentos de morte se diferenciam, dependendo não só da linha editorial e público, mas também de acordo com quem morre ou quantos morrem ou de como se morre. Para além dos acontecimentos de mortes específicas e dos diversos tratamentos da morte como acontecimento noticioso, há diversidade também quanto às imagens de morte que povoam o imaginário sociocultural. Contudo, não há correlação direta entre modos de morrer ou dos sujeitos que morrem (assassinato/doença; bandido/celebridade) e as imagens de morte e pós-morte com as quais lidamos no cotidiano e na imprensa. Pergunto se não haveria um substrato comum que perpassaria todas as notícias de morte. Os estudos do imaginário nos sugerem algumas compreensões.

Palavras-chave
Acontecimento jornalístico; notícia de morte; imaginário; mídia

Abstract
The deaths are different, death is equal. The news coverage about the events of death differ, depending not only on the editorial policy and the characteristics of the audiences, but also according to who dies or how many die or the type of death. In addition to the deaths of specific events and the various treatments of death as event news, there is also diversity in the images of death that populate the socio-culturalimaginary. However there is no direct correlation between modes of death or dying people (murder / disease; bandit / celebrity) and the images of death and postmortem we deal with in everyday life and in the press. I wonder if there would be a common substrate to all the news of death. Studies on the imaginary suggest some insights.

Keywords
Event news; news of death; imaginary; news coverage

Artigo recebido em 22/08/2012
Aprovado em 01/11/2012

Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 9 Nº 2 – Julho a Dezembro de 2012
ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2 p462

O que nos acontece *está tão à frente daquilo que pensamos, das nossas intenções, que jamais poderemos alcançá-lo, nem conhecer sua verdadeira aparência.*
Rainer Rilke

As mortes são diferentes, a morte é igual. Em 23 de Julho de 2011, o mundo noticiou: "Amy Winehouse foi encontrada morta em sua casa, aos 27 anos". "Número de mortos vítimas do atirador na ilha da Noruega sobe para 80". **As mortes são diferentes.** Amy, morte ímpar, sem testemunha e, de certa maneira, anunciada: talentosa, brilhante, jovem, rebelde, famosa, melancólica, viciada em drogas, rica, uma celebridade, no auge. Ataque na ilha norueguesa, morte plural, pública, inesperada: várias dezenas, anônimos, jovens, alegres, desarmados, surpreendidos, num país rico e pacífico, por um atirador, extremista de direita, fanático, planejador. Temos aqui dois extremos de acontecimentos de morte exageradamente carregados de noticiabilidade. Manchetes sucessivas em toda a mídia. Há outros tipos de morte que também alcançam na imprensa o mesmo grau elevado de noticiabilidade, aquela potência para se tornarem notícias importantes. A morte de um velho e grande poeta ou de uma incomparável atriz, vidas vividas. A morte de uma criança por uma inimaginável forma de violência, vida interrompida. A morte coletiva em trágicos acidentes, de avião, por desmoronamento de terra, terremoto, *tsunami*. A morte, veloz, na explosão de um ônibus espacial; lenta, no não resgate de um submarino. A morte nos atentados terroristas. A morte nas guerras.

Vários pesquisadores escreveram a respeito da relação mídia-morte. Na tipologia de acontecimentos jornalísticos mapeados por Berger e Tavares (2010), organizados entre inesperados e esperados, vamos encontrar meta-acontecimentos, pseudo-acontecimentos e não-acontecimentos; acontecimentos autogerados e acontecimentos heterogerados; acontecimentos cotidianos, sociais; acontecimentos midiáticos; acontecimentos-acidente, imprevisíveis; acontecimentos programados, previsíveis, encenados. Em se tratando de grandes mortes na mídia, Mouillaud vai inventariar formas e gêneros apontando os mortos banais e mortos exclusivos, os crônicos ou acidentais, os privados ou públicos, os mortos em obituários, os mortos dos conflitos, das guerras e das revoluções, o grande morto válido por seu próprio nome *versus* aqueles anônimos mortos em acidentes, tomados por sua grandeza numérica (MOUILLAUD, 2002b). No estudo de Issler sobre anúncios fúnebres nos jornais, a morte, como qualquer outro fato, não tem valor jornalístico nela mesma. "Quem atribui

ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2 p462

valor à realidade, seja jornalístico, acadêmico, jurídico ou artístico é qualquer sujeito que a considere, que a contemple. Assim, é prerrogativa do profissional da informação definir o valor da morte." (ISSLER, 2004). Ao entrevistar jornalistas sobre qual o valor jornalístico da morte, o pesquisador obteve nas sessenta respostas uma convergência, de certo modo óbvia: "a morte é pauta em função de quem morre e de como morre" (ISSLER, 2004). Para Rodrigues (2010), em sua reflexão a respeito das constantes e variáveis significacionais nos ritos e mitos associados à morte, os sistemas de classificação da morte tendem a "considerá-la como predominantemente fatalista, determinada e certa – isto é, como previsível e universal ("ninguém escapa à morte", "vai acontecer quando Deus quiser", "virá mais cedo ou mais tarde")" ou, então, "vê-la como predominantemente aleatória e dependente de fatores que podem ser controlados pela intervenção humana". No entanto, como ele mesmo ressalta, estes modos dominantes não se excluem; "nos vários sistemas culturais de classificação da morte, a convivência do insólito e do comum, do acidental e do determinado, do previsível e do surpreendente inspira-se na própria absurdidade do drama final da existência humana".

A morte como acontecimento jornalístico vem sendo trabalhada em pesquisa recente que trata dos diferentes vínculos e manifestações das notícias de morte[ii]. Antes, porém, temos que muitos do que pesquisam jornalismo se perguntam, como faz Prado (2010, p.65), sobre as razões de as pessoas lerem notícias. Para se informar, apenas uma delas. O autor sugere as demais: para saber qual é o meu mundo, como ele funciona, como eu posso pertencer melhor a esse que já é o meu mundo, como eu me transformo para melhor ser esse que eu gostaria de ser, como entendo melhor o mundo. Mouillaud, tomando o jornalismo como um dos operadores sociossimbólicos de nossas vidas, propõe em sua análise que os acontecimentos explodiriam na superfície da mídia sobre a qual se inscrevem como sobre uma membrana sensível e, assim, poriam em ressonância os sentidos que nela são inscritos. Mouillaud recorre a Clément para destacar que o acontecimento está no imperfeito, e que é seu caráter incompleto que produz, na mídia, o trabalho da informação, um tecido cuja organização da malha se refaz incessantemente de desfazer, de nunca poder ser completo (Mouillaud 2002a, p.82 e p.50). Para Baitello (1999, p.110), "a maioria das notícias é mortal". Quer o pesquisador dizer que a maior parte delas estabelece vínculos diretos ou indiretos com a morte ou com o medo da morte, seja em relatos sobre "catástrofes ou crises políticas e econômicas, eminências e personalidades, pessoas vivas ou mortas, em última instância estão lidando com limites e fronteiras transpostas ou por transpor". Estariam as notícias

ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2 p462

refletindo sobre um fim, "a consciência da morte significa, portanto, simultaneamente, tanto medo e rejeição como atração e curiosidade", resume Baitello.

Considero que é o regime de desordem quem orienta os grandes acontecimentos noticiosos. Por isso, a morte, a maior das desordens da experiência humana, é central nas manchetes mais fortes ou históricas. Quando está refletindo sobre o acontecimento como "aparecimento de uma figura de desordem" e submetendo a desordem a uma exploração interpretativa de caráter sócio-antropológico, Balandier (1997a, pp. 194-212) nos ajuda a compreender a desordem provocada pela notícia de morte. Para o autor, a doença aparece como um mal plural, a metáfora da desordem expressa pela linguagem do sofrimento e da precariedade dos homens. O que pensar, então, do mal da morte? Referindo-se ao medo, à catástrofe, diz ele que "uma cultura do assombro inscreve-se no corpo em movimento da cultura atual" e que a modernidade parece dar à desordem uma crescente virulência. Balandier segue discutindo as respostas que a sociedade dá às desordens: a resposta total, da ordem do totalitarismo; a resposta pessoal, da ordem do sagrado; e a resposta pragmática, da ordem do movimento. "A história imediata acaba por provocar a irrupção espetacular, mundial, de uma desordem de origem econômica e de seu cortejo de destruições, inquietações, associadas aos desastres oriundos de crises do passado", analisa o autor (1997a, pp. 194-212). Definindo modernidade como *movimento mais incerteza*, e não percebida como algo ruim, Balandier quer mirar o presente – "o presente é sempre aquilo que se vê dificilmente" (1997b, p.17) e, em sua argumentação, quer fazer o elogio ao movimento. "A realidade midiatizada coloca tudo aos pés do movimento", diz ele (1997b, p.239). Ora, do que se alimenta o jornalismo senão da desordem e do movimento do tempo presente?

A desordem e o movimento da morte na cobertura diária e sempre atualizada da imprensa revelam a mudança dos modos como lidamos com os mortos hoje. Também Benjamin, lá trás, já falava do distanciamento que vimos tomados dos que estão à morte. Especificamente falava do efeito colateral dos ritos higiênicos e sociais que a sociedade burguesa do século XIX produziu, que seria permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte. Sugere que recordemos as imagens da Idade Média, nas quais o leito de morte se transformava num trono em direção ao qual se precipita o povo, através das portas escancaradas. "Morrer, outrora, um processo público e altamente exemplar, (...) durante a Era Moderna, é cada vez mais repelido do mundo perceptível dos vivos." (Benjamin, 1983, p.64).

ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2 p462

Disse isso muito antes da eficiência tecnológica de agora, com nossas equipadas e isoladas UTIs e nossas vidas prolongadas artificialmente – questão atualizada em Agamben (2010), quando trata da morte politizada, do falso vivo em estado de coma. A observação de Benjamin vem muito antes também do paroxismo da exposição dos mortos na mídia, dos funerais e grandes cortejos fúnebres midiáticos, da espetacularização da morte pela cobertura jornalística. Poderíamos dizer da passagem da experiência familiar, coletiva, aberta e próxima em relação à morte para o ato solitário, indiferente e distante de morrer num quarto de hospital. Para Balandier, a medicina rechaça a degradação física.

> (...) a modernidade contemporânea brinda com a morte; recua efetivamente diante de sua ameaça, oculta-a – na medida em que foi por muito tempo uma questão pública, um momento da vida coletiva – através do isolamento do morto, da redução do ritual funerário a uma mera formalidade (...) a modernidade trata a morte quase como uma indecência, tanto que exalta o movimento e a juventude (...) recebe o suicida como um desafio que se opôs a todas as suas promessas, como uma evocação dramática e quase escandalosa da presença constante do precário no homem. (BALANDIER, 1997b, p. 265)

Evita-se, assim, por um lado, o espetáculo da morte escondendo atrás das paredes dos hospitais e outras instituições públicas este *episódio público na vida do indivíduo*, do qual falava Benjamin, mas, por outro, evidencia-se a vivência desta morte nas imagens dos meios de comunicação e dos produtos culturais, mais notadamente nas últimas três décadas. A ideia da morte estaria hoje longe de perder, na consciência coletiva, *sua onipresença e sua força de evocação*, como supunha Benjamin naquele momento.Poderíamos, atualmente, compreender a exposição midiática dos mortos como retorno ao enfrentamento público e coletivo da morte, entendida na cultura ocidental como acontecimento sempre trágico, mas igualmente, ou talvez por isso mesmo, exemplar. Se o corpo do moribundo está ausente da rotina, os gestos rituais da morte estão cada vez mais presentes: o cortejo fúnebre, o luto e a dor, os períodos sazonais de visita aos lugares da encenação da morte (BALANDIER, 1997b, p. 269). Para Issler, a imprensa daria curso a uma parcela das cerimônias que integram o ritual do luto que se instala a partir do óbito. Do rito fúnebre a mídia participaria em dupla expressão: integrante do cerimonial, porta-voz de proclamação pública, da dor e do pranto dedicado ao defunto e, comercialmente, nos anúncios de falecimento, como veículo de publicidade paga da ocorrência. São narrativas sobre a morte e os mortos, capazes de cambiar os sentidos de próximo e distante.

ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2 p462

> Se esta [a narrativa] é valorizada como forma de se imprimir sentido à vida e como forma de trabalhar a temporalidade, há, na direção oposta, a preocupação com a narrativização do mundo operada pela mídia, que torna próximo o distante, mas também torna distante o próximo, com as inúmeras mediações que se interpõem entre os fatos e as notícias e com o seu jogo interno de remissões de um espetáculo para outro (FIGUEIREDO, 2009, p.137).

O morto familiar, quando midiatizado e reforçado em sua imagem pública, fica distante para os próximos a ele; o morto distante, por sua vez, passa a ser chorado pela multidão nos acenos e nas filas de despedida como o mais íntimo parente ou amigo. Ao estudar as mortes notáveis e suas cerimônias fúnebres televisionadas, Barbosa (2004) observa na contemporaneidade uma nova relação do homem frente à morte. Perceber essa relação é visualizar a expressão inconsciente de uma sensibilidade cultural coletiva. "Na morte dos ídolos nacionais, das personalidades públicas – publicizadas através das imagens da mídia – observa-se um ritual de celebração, (...) A tranquilidade do leito é substituída pela cena pública, onde excesso é a palavra de ordem." Porém, seria necessário ainda investigar melhor a exposição, mais rara é verdade, e polêmica, de cadáveres dos mortos anônimos vítimas de violência policial em alguns acontecimentos jornalísticos pontuais e a ausência ou apagamento de seu ritual fúnebre. Até aqui, porém, continuam as diferenças de coberturas jornalísticas a depender de quem morre ou de como se morre. Mas que substrato comum perpassaria todas as notícias de morte? Há esse substrato comum?

A morte é igual. Conforme reflexão anterior[iii], fora as exceções daqueles que enfrentam o processo de morrer, caso dos pacientes terminais ou como deve ser com quem morre sob tortura, a morte própria é a experiência que não podemos experimentar e contá-la e aprender com ela. Podemos até ter aproximações.

> Desmaios, sonos profundos, acidentes graves são modos de os seres humanos se aproximarem da consciência de morte. Mas nenhum caminho se iguala à experiência da morte do próximo, à de um ser ao qual estamos afetivamente ligados, com o qual constituímos um "nós", alguém com quem se edificou uma comunidade que agora parece ruir. Na medida em que esta comunidade é de algum modo eu mesmo, experimento um quê de morte dentro de mim. Por este caminho a morte do outro evocará sempre minha própria; testemunhará minha precariedade, forçar-me-á a pensar-me nos meus limites. Por toda parte, a ruptura dos laços afetivos é a mais verossímil metáfora do nada. (RODRIGUES, 2010).

A morte, só podemos acessá-la, experimentá-la via o outro. Se a imprensa se constitui no e pelo relato da experiência do outro, o que, então, o jornalismo faz ou

ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2 p462

deixa de fazer com a experiência do leitor/telespectador diante da morte noticiada? Benjamin tratou da incapacidade de a notícia compartilhar experiências, quando afirmou que a experiência vinha caindo de cotação: "Qualquer olhada aos jornais comprova que ela atingiu seu limite inferior, que não só a imagem do mundo externo, mas também a do mundo moral sofreu da noite para o dia mudanças que nunca ninguém considerou possíveis." (1983, p. 57). Por Benjamin, estou pensando na dificuldade do jornalismo em lidar com o lugar do acontecimento-morte na estruturação da experiência individual e coletiva. Quérè, no entanto, partindo da proposição de John Dewey de que a "experiência é tida", tida por um sujeito, se propõe a pensar o caráter impessoal da experiência, recolocar o sujeito na experiência sem subjetivá-la indevidamente, sem ceder a uma psicologia subjetivista. Distingue duas dimensões estreitamente associadas: "há a experiência de alguma coisa; e *há experiencing*" (2010, p.32), ou, em outros termos, há o experimentar e o experienciar. Há experiência de acontecimentos, de situações, de objetos, de coisas, de coisas materiais, de pessoas e, mais amplamente, de condições circundantes, ou ainda de ações, de maneiras de agir, de maneiras de operar ou de "conexões operatórias" entre as coisas. Logo, não é das sensações ou das impressões que a experiência é "tida", mas das próprias coisas e de suas maneiras de se comportar, de se agenciar (QUÉRÉ, 2010, p.32).

A confrontação com os acontecimentos, inclusive aqueles que surgem no curso da ação, é, pois, um componente essencial da organização da experiência. Essa confrontação apresenta duas faces. De um lado, domesticamos esses acontecimentos, reduzindo a parte surpresa e de descontinuidade que comportam; fazemos deles acontecimentos de e em "nosso" mundo social. De outro lado, esses acontecimentos têm também um poder de esclarecimento, de indicação ou de revelação. Eles podem, por exemplo, revelar uma situação inédita ou insuspeitada e fazer descobrir seu caráter problemático (Quéré, 2010, 35).

Há, na abordagem de Quéré, quando combina no processo impessoal da experiência a *receptividade* e a *atividade*, a abertura para a dimensão estética nessa exposição ao acontecimento; ou se preferirmos, exposição à experiência. Uma exposição que passa pelas emoções. Os acontecimentos de morte, por mais variados que sejam, não escapam ao apelo da emoção diante do enigma do morrer ou diante do esforço em compreender a morte, seja para negá-la, aceitá-la, condená-la, etc.

Reforço aqui a ideia de que este exercício de compreensão e enfrentamento da morte só pode se dar, portanto, pela experiência do outro. Por isso, interessa-me, ao

ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2 p462

mesmo tempo e em outra direção, retomar *o poder explicativo* do acontecimento narrado, "enquanto revelador daquilo que (trans)forma, ou pode (trans)formar, nas pessoas e nas coisas (REBELO, 2006, p. 19).Quéré, explicitando a ambivalência do acontecimento, destaca, para além da explicação causal, que o acontecimento suscita este seu poder de esclarecimento e de ser fonte de inteligibilidade (QUÉRÉ, 2005, p.6). Quer o autor dar ênfase ao 'acontecer a', ao "compreender segundo o acontecimento", colocando o sentido do acontecimento na experiência, logo na recepção deste por parte "daquele a quem o que acontece acontece", conforme análise de Babo-Lança sobre textos do autor. Ao tratar das intensidades e modalidades de experiência pública, também ela explicitou as

> diferentes interpretações e graus diversos de compreensão do acontecimento no mundo e de compreensão de si (podendo este *si* ser aquele a quem o acontecimento aconteceu, aquele que o testemunhou, aquele que o observou à distância, aquele que dele teve informação e o recebeu nas narrativas, aquele que se surpreendeu e emocionou, aquele que reagiu com indiferença, aqueles que tornaram sujeitos de uma ação coletiva, etc.) (BABO-LANÇA, 2006, p. 93)

É a consciência da morte o acontecimento distintivo da humanidade. "Assim, a mesma consciência nega e reconhece a morte: nega-a como aniquilamento, reconhece-a como acontecimento" (MORIN, 1988, p. 26).Gostaria de encontrar, como tenta Rodrigues (2010), *certa unidade e invariância* nas diferentes mortes com as quais lidamos diariamente. Ele aponta algumas: o esforço em conhecer as causas da morte, restabelecer a ordem na sociedade, acusar no caso de haver um culpado, expressar interesse e afeição dos sobreviventes pelo defunto e, principalmente, contribuir para a sua viagem em direção ao outro mundo. Estou de acordo, em parte. Sim, nas notícias tem o repórter a obrigatoriedade desse percurso explicativo. Pelo menos na nossa cultura cristã. No entanto, as culturas são muito diversas para que tais ações sejam tomadas como invariantes. Rodrigues mesmo considera isso: "cada sociedade soube construir um sistema coerente de crenças e de práticas específicas que a ajudam a traduzir a anti-ordem nos termos da ordem e a aprisionar nas malhas da cultura as evidências da destruição do corpo no qual ela se vê projetada".

> Sob a diversidade - que nunca será sensato minimizar - alguns pontos comuns saltam imediatamente aos olhos: em primeiro lugar, axioma fundamental e praticamente invariável, o evento da morte não aniquila o ser; ele abre as portas para um além, para uma vida diferente: Inferno ou Céu, para os cristãos e para os muçulmanos, Campos Elíseos, para os gregos antigos, reencarnação e metempsicose na filosofia oriental, passagem para o reino dos

ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2 p462

> ancestrais na África, renascimento do último morto no corpo do próximo nascido, que receberá o nome daquele, como em alguns esquimós... (RODRIGUES, 2010).

O imaginário místico/mágico/religioso participa da conformação das concepções de morte, de caráter móvel e em trânsito, em constante adaptação, por influência da bagagem cultural, da família, da etnia, das condições socioeconômicas, da mídia, do jornalismo. Logo, as imagens de morte formam um conjunto de forças em tensão, em mudança contínua, localizadas nos terrenos abertos e instáveis dos imaginários culturais. A um só tempo, tais imagens são míticas, imaginárias, simbólicas, políticas, ideológicas, sem clara distinção. Na abordagem antropológica de Durand (1997), o imaginário manifesta-se num vaivém entre as raízes inatas da representação do *sapiens* e as várias interpelações do meio social. Eu diria que dentro de uma mesma sociedade, de uma mesma cultura, vamos nos deparar com diferentes conjuntos interpretativos do fenômeno morte. E não se pode deixar de considerar, inclusive, o imaginário dos ateus, que se atêm à finitude da vida e à perpetuação do morto na memória individual ou coletiva. De qualquer modo, as imagens de morte expressas nas notícias podem ser tão diversas quanto os diferentes mortos noticiados ou os modos de morrer.

Rodrigues afirma que "por toda parte a morte é entendida como um deslocamento do princípio vital". Concordo, mas acho incompleto. Estou pensando na imagem da morte como fim. Para mim, "amorte é igual" até o ponto em que compreendida como o *momento único de uma transformação irreversível de um organismo vivo, fazendo com que esse organismo deixe de viver.* A partir daí seguem-se os diferentes imaginários, o da vida além da morte, da reencarnação, da energia vital transformada ou deslocada, do fim do corpo, do fim de tudo, do vazio. E não há nenhuma correlação direta entre modos de morrer ou dos sujeitos que morrem (assassinato/doença; bandido/celebridade) e as imagens de morte e pós-morte que povoam o imaginário sociocultural. Nem mesmo se tratando da morte sempre enigmática que é a do suicídio.

O que haveria de "morte igual", comum a todos os homens, seria a *necessidade de no enfrentamento da morte se socorrer de um imaginário*. Para Durand, o imaginário seria "o esforço do ser para erguer uma esperança viva diante e contra o mundo objetivo da morte" (DURAND, 1997, p. 432). Argumenta ainda que "a imaginação simbólica tem como função geral escandalosa a de *negar eticamente onegativo*" (1988, p. 97). Seria dinamicamente uma negação vital, que nega a morte e o tempo – "uma função de

ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2 p462

eufemização, porém, não simplesmente ópio negativo, máscara que a consciência veste diante da horrível figura da morte, mas, ao contrário, dinamismo prospectivo que, através de todas as estruturas do projeto imaginário, tenta melhorar a situação do homem no mundo" (DURAND, 1988, p. 101). Desse modo, a simbologia, que enche de imagens fundamentais nosso imaginário, seria acessada sempre que sentíssemos necessidade de nos religarmos a uma experiência primordial da humanidade. Para Morin (1979, 101 e 102), as sepulturas de 45 mil anos atrás revelam um momento importante para a constituição do imaginário do *Homo sapiens*. Um novo universo estético, ao que parece, proporcionou a ligação imaginária com o mundo: *ao aparecimento do homem imaginário, acrescenta-se indissoluvelmente o aparecimento do homem imaginante*. Morin compreende que a novidade no surgimento do *Homo sapiens* não está na técnica, na lógica ou na cultura, mas está na sepultura e na pintura a partir da consciência da morte. Os vestígios dos rituais revelam que a magia havia trazido aideia da morte e a busca de sua superação para o universo simbólico deste homem. A novidade é uma nova consciência deste sujeito e um evidente progresso do conhecimento objetivo, no qual a morte não é só reconhecida como fato, mas também *é concebida como transformação de um estado em outro estado*. Este novo universo estético revela que um sistema mitológico-mágico emerge no *sapiens* e mobiliza-se para enfrentar a morte. Na reflexão de Balandier (1997b, pp. 227-273), a modernidade contemporânea, por um lado, empobrece progressivamente o imaginário "ao estabelecer o domínio da abstração e do instrumento, fazendo das ciências e das técnicas e daquilo que é operacional o duro nó das formações sociais e culturais". Por outro, o enriquece "provendo-o constantemente de imagens e mensagens, de múltiplos provocadores de emoção, de dramatizações sociais que moldam o homem cotidiano, o ator econômico e o sujeito dos poderes". A meu ver, mesmo em se tratando da imagem de fim absoluto, sem nenhum tipo de continuidade. O imaginário contribuiria para o desenvolvimento da racionalidade, seria uma das suas fontes, corrigiria ou compensaria suas insuficiências.

> O imaginário permanece mais que nunca necessário; é de algum modo o oxigênio sem o qual toda vida pessoal e coletiva se arruinariam. É feito de todas as imagens que cada um cria a partir da apreensão que tem de seu corpo e de seu desejo, de seu ambiente imediato, de sua relação com os outros, a partir do capital cultural recebido e adquirido, bem como das escolhas que provocam uma projeção no futuro próximo. (BALANDIER, 1997b, p.232).

Voltando ao jornalismo, tomemos a ideia de que ele é tributário de padrões muito antigos de contar histórias, partilhados por toda a humanidade. Lule (2001) desenvolve

ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2 p462

a percepção das notícias como herdeiras legítimas das narrativas míticas que acompanham o homem ao longo de sua trajetória. De modo amplo, a concepção de jornalismo como narrativa mítica sugere que as notícias são configuradas a partir de um padrão estrutural e de um acervo de temas e valores profundamente enraizados na cultura e incorporados como estratégia retórica e mercadológica pelos jornalistas. Ao analisar alguns grandes arquétipos presentes no jornal norte-americano *The New York Times*, Lule (2001) faz uma série de analogias entre notícia e mito, rastreando orientações socioculturais acerca de questões profundas, entre elas, a morte. Segundo o pesquisador, ao contar e recontar as narrativas arquetípicas da humanidade, as notícias ajudam o homem a dar sentido ao seu tempo e ao seu mundo. As matrizes míticas funcionariam como um inventário convencional de enquadramentos enraizado na tradição cultural, ao qual os jornalistas recorreriam, consciente ou inconscientemente, para escolher e emoldurar os fatos a serem noticiados – "se a notícia é mito, então os valores-notícia vão refletir não apenas julgamentos profissionais baseados em critérios de noticiabilidade e importância, mas também valores e crenças predominantes da sociedade como um todo" (LULE, 2001, p.152, em tradução livre).Por isso, de acordo com Bird e Dardenne (1993, p. 276 e p. 266), os relatos jornalísticos proporcionariam às pessoas mais do que fatos e informações objetivas – apresentariam "um esquema para perspectivarem o mundo e viverem a sua vida", ofereceriam "tranquilidade e familiaridade em experiências comunitárias partilhadas" e forneceriam "respostas credíveis a perguntas desconcertantes e explicações prontas dos fenômenos complexos".

Inspirada em Guimarães Rosa, e pensando na vida, eu poderia dizer que *morte é desacontecimento*. Porém, pensando nos inúmeros acontecimentos-notícia de morte que inundam a imprensa diariamente, mais pertinente seguir o antropólogo Edgard de Assis Carvalho (2003, p.91), quando ele reafirma que *a morte constitui um fenômeno social total*. No campo do Jornalismo, entendo que *a morte noticiada é o acontecimento noticioso primordial*, a partir do qual grandes manchetes e coberturas ganham vida.

ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2 p462

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Politizar a morte. In: AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BABO-LANÇA, Isabel. A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública. In: **Revista Trajectos**, Lisboa, 2006, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, nº 8-9, p. 85-94.

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia**. São Paulo: Ananablume, 1999. 2ª. Ed.

BALANDIER, Georges. **A desordem: elogio ao movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997a.

_____. **O contorno: poder e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997b.

BARBOSA, Marialva. "A morte imaginada". XIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004, UMESP, São Bernardo do Campo, SP. *Anais eletrônicos.*

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra do Nikolai Leskow. In: **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os pensadores).

BERGER, Christa; TAVARES. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos** / Márcia Benetti e Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca (orgs). Florianópolis: Insular, 2010.

BIRD, Elizabeth; DARDENNE, Robert (1993). Mito, registo e "estórias": explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993. pp. 263-277.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Enigmas da cultura**. São Paulo: Cortez, 2003.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário; introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____.**A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1988.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Encenação da realidade: fim ou apogeu da ficção. **Revista MATRIZes,** ano 3, nº.1, ago/dez. 2009, pp131-143.

ISSLER, Bernardo. "A morte como notícia ou anúncio".XIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004, UMESP, São Bernardo do Campo, SP. *Anaiseletrônicos.*

LULE, Jack. **Daily news, eternal stories: the mythological role of journalism**.New York: The Guildford Press, 2001.

MORIN, Edgar**. O enigma do homem**.Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**.Portugal: Publicações Europa-América, 1988.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: PORTO, Sergio Dayrell (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora da UnB, 2002a.

_____. As grandes mortes na mídia. In: PORTO, Sergio Dayrell (org.). **O jornal: da forma ao sentido.** Brasília: Editora da UnB, 2002b.

PRADO, José Luiz Aidar. Convocação nas revistas e construção do *a mais* nos dispositivos midiáticos. **Revista MATRIZes**, ano 3 no. 2jan/jul.2010 pp63-78.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentidos: a dualidade do acontecimento. In: **Revista Trajectos**, Lisboa, n.6, 2005, p.59-76.

QUÉRÉ, Louis. O caráter impessoal da experiência. In: LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargo;

GUIMARÃES, César. (orgs)**Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

REBELO, José. Prolegómenos à narrativa mediática do acontecimento. In: **Revista Trajectos**, Lisboa, nº. 8-9, 2006, p.17-27.

RODRIGUES, José Carlos. "Constantes e variáveis significacionais nos ritos e mitos associados à morte". XIX Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2010, PUC-Rio, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos.*

SILVA, Gislene; VOGEL, Daisi. Imagens de morte na primeira página, In: **Jornalismo e acontecimento: Diante da morte** / Beatriz Marocco, Christa Berger e Ronaldo Henn (orgs). Florianópolis: Insular, v.3, 2012.

[i] Texto revisado da apresentação de trabalho no IX Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, da SBPJor – Associação Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, nov.2011 (título da apresentação "Morte, acontecimento noticioso primordial").

[ii] Pesquisa para o livro Jornalismo e acontecimento: Diante da morte (volume 3) do grupo "PROCAD – TECER: Jornalismo e acontecimento", capítulo "Imagens de morte na primeira página", de DaisiVogel e Gislene Silva. Equipe: Christa Berger (coord.) / Beatriz AlcarazMarocco / Ronaldo Cesar Henn (UNISINOS); Gislene da Silva / Eduardo Meditsch / DaisiVogel (UFSC); Marcia Benetti Machado / Flávio Antônio Camargo Porcello / Virginia Pradelina da Silveira Fonseca (UFRGS); Paulo Bernardo Ferreira Vaz / Elton Antunes / Bruno Souza Leal (UFMG). Financiador: CAPES.

[iii] No capítulo "Imagens de morte na primeira página", de DaisiVogel e Gislene Silva para o livro *Jornalismo e acontecimento: Diante da morte* (volume 3) do grupo "PROCAD – TECER: Jornalismo e acontecimento".

Este artigo e todo o conteúdo da **Estudos em Jornalismo e Mídia** estão disponíveis em http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/index

Estudos em Jornalismo e Mídia está sob a Licença Creative Commons.